

# Metáforas na realização da subjetividade em sonetos

## Subjective realization in sonnets by metaphors

Dalby Dienstbach<sup>1</sup>

[dalbydienstbach@gmail.com](mailto:dalbydienstbach@gmail.com)

Universidade Federal Fluminense

**RESUMO** - Inserido no campo dos estudos da metáfora no discurso, este trabalho investiga o papel daquele fenômeno no cumprimento de propósitos comunicativos de um gênero particular do discurso literário: o soneto. Assumindo o gênero como principal base de análise, ele explora de que forma a ocorrência de metáforas inéditas (ou não convencionalizadas) e, sobretudo, a possibilidade do seu reconhecimento – traduzida, aqui, na noção de metaforicidade – se prestam à realização e à socialização da subjetividade em um *corpus* identificado com o gênero em questão. Levantamentos quantitativo e qualitativo dos recursos de ativação de metaforicidade nesse *corpus* demonstram que a ocorrência de metáforas criativas e de outras estratégias textuais relativas à sua linguagem metafórica – tais como a saturação e a diretividade – estabelece relações determinantes tanto com a estruturação do mundo figurado forjado pelos autores dos poemas quanto com o acesso a esse mundo por parte dos respectivos leitores. A partir disso, conclui-se que é a possibilidade de reconhecimento da linguagem metafórica – mais do que somente a sua ocorrência real – que seria responsável pelo cumprimento dos propósitos comunicativos de sonetos (e de poemas de um modo geral).

**Palavras-chave:** metaforicidade, realização da subjetividade, discurso literário.

**ABSTRACT** - Aligned with studies of metaphor in discourse, this paper looks at the role played by metaphors in achieving communicative purposes of sonnets. Taking the notion of genre as our primary analytical basis, we investigate how novel metaphors and, especially, their recognizability – *i.e.*, their metaphoricity – can prompt subjective realization and subjective socialization in a corpus of sonnets. Both quantitative and qualitative analyses of activation devices of metaphoricity in such a corpus demonstrate that creative metaphors, as well as other verbal strategies related to metaphors – such as saturation and directness –, establish wide relations with both the creation of and the access to the figurative world of the poems. At the end of the day, we can conclude that metaphor recognizability, rather than metaphor occurrence, is mostly responsible for achieving communicative purposes in sonnets (and in poems in general).

**Keywords:** metaphoricity, subjective realization, literary discourse.

## Introdução

A estreita relação das metáforas com o discurso literário parece estar solidamente estabelecida desde, pelo menos, as primeiras considerações de Aristóteles (2003 [c. 335 a.C.]) a respeito da criação poética. Uma observação interessante do filósofo grego (2003 [c. 335 a.C.]), com relação a essa questão, alega, por exemplo, que “maior [importância], todavia, é a do emprego das *metáforas*, porque tal se não aprende nos demais [nomes], e revela portanto o engenho natural do *poeta*” (p. 138, grifos meus). Com efeito, uma opinião que prevalece no senso comum, desde as considerações iniciais de Aristóteles (2003 [c. 335 a.C.]) até os dias atuais, é, justamente, a de

que “a *verdadeira* fonte das metáforas está na literatura e nas artes” (Kövecses, 2010, p. 49, grifos no original, tradução livre).

Com o surgimento e a consolidação de uma abordagem conceptual da metáfora (principalmente, Lakoff, 1993; Lakoff e Johnson, 2002 [1980]), no entanto, a relação entre esse fenômeno e a literatura deixa de ser tão exclusiva quanto tradicionalmente se acredita. Porque passam a ser entendidas como sendo um recurso básico e inevitável de conceptualização – ou seja, um fenômeno do pensamento –, as metáforas ultrapassam as fronteiras da poesia (e da retórica) e penetram visceralmente “na nossa vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense. Campus do Gragoatá, Bloco C, Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/nº, São Domingos, 24210-200, Niterói, RJ, Brasil.

e nas ações” (Lakoff e Johnson, 2002 [1980], p. 45). Pode-se deduzir, como uma consequência fundamental disso, que quaisquer tipos de discurso – desde os mais prosaicos até os mais criativos ou, até mesmo, os mais especializados – lançam mão, em grande medida, de metáforas.

Dentro de uma visão essencialmente cognitivista de metáfora, a propósito, o fato de uma metáfora qualquer fazer parte de um texto literário não lhe confere um estatuto muito especial. Nos moldes da abordagem conceptual (Lakoff, 1993; Lakoff e Johnson, 2002 [1980]), o que importa, de fato, é que as metáforas deverão sempre constituir uma realidade psicológica, seja em quaisquer circunstâncias (de uso) que forem. Portanto, toda expressão metafórica – quer figure em um poema, em um anúncio publicitário, em um texto jornalístico ou, até mesmo, em um artigo científico – serve, antes e acima de tudo, para corroborar o que realmente interessa àquela abordagem – isto é, a natureza e o funcionamento das respectivas metáforas conceptuais.

Entretanto, quando se coloca em foco o funcionamento da linguagem metafórica em uso – ou seja, das metáforas no discurso –, é possível se observar que a relação entre as metáforas e os gêneros – inclusive, os do discurso literário – apresentam especificidades consideráveis (e muito reveladoras) para os campos dos estudos de ambos os fenômenos. Berber Sardinha (2011), por exemplo, identifica a densidade metafórica – a proporção de palavras metafóricas em corpora – como sendo uma dimensão de variação entre gêneros. Semino (2011), por sua vez, observa que, à medida que se tornam convencionalizadas em gêneros especializados, as “metáforas científicas” [*scientific metaphors*] (p. 137) tendem a migrar para outros gêneros mais cotidianos, como, por exemplo, o discurso pedagógico, o discurso de mídia e, até mesmo, o discurso leigo.

Inserido no campo dos estudos da metáfora no discurso (por exemplo, Deignan, 2005; Semino, 2008; Vereza, 2010), este trabalho se propõe, então, a explorar possíveis relações internas entre as metáforas e um gênero particular do discurso literário, isto é, o soneto. O seu principal objetivo, nesse sentido, é o de investigar o papel daquele fenômeno no cumprimento de propósitos específicos desse gênero – representados, nesse caso, pela realização (Steen, 1994) e socialização da subjetividade (Peters, 2013). Para tanto, lança-se mão das noções de metaforicidade<sup>2</sup> (Müller, 2008; Dienstbach, 2017) e de recurso de ativação (Müller, 2008), bem como de definições sociocognitivas de gênero (Paltridge, 1997; Steen, 2011) como expedientes de análise.

## Recursos de metaforicidade em sonetos

A análise conduzida ao longo desta investigação se debruça sobre oito sonetos escritos, originalmente, em língua portuguesa (do Brasil), cuja estrutura formal atende, em grande medida, à descrição mais convencional do seu gênero (principalmente, Moisés, 2004). Sobre a escolha dos sonetos, foram reunidos textos de quatro autores brasileiros, consagrados pelo nosso cânone literário. Os autores são Carlos Drummond de Andrade (1978, 2013), Glauco Mattoso (2004a, 2004b), Manuel Bandeira (1966a, 1966b), Vinícius de Moraes (1937, 1954). A reputação desses autores pode ser atestada pela frequência com que são citados em manuais, trabalhos e ensaios (acadêmicos ou não) de literatura (por exemplo, Bosi, 2006; Candido, 2007; Sousa, 2010).

A primeira etapa da análise compreende a identificação de palavras e unidades lexicais usadas metaforicamente em cada um dos oito textos, por meio do procedimento de identificação de metáforas “MIPVU”<sup>3</sup> (Steen *et al.*, 2010). Em termos quantitativos, pode-se adiantar que, das 765 palavras que compõem o corpus analisado, 168 foram identificadas como sendo usadas metaforicamente, o que corresponde a uma densidade metafórica de cerca de 21,96%. Com efeito, um levantamento quantitativo da linguagem metáfora em textos literários, feito por Steen *et al.* (2010), mostra que aquele resultado não parece ser muito surpreendente. Ao analisarem um conjunto de contos e romances – do *British National Corpus Baby* (Burnard, 2004) –, os seis pesquisadores (Steen *et al.*, 2010) chegam à conclusão unânime de que 9,4% das palavras que completam esse corpus estariam sendo usadas metaforicamente – em comparação, a propósito, com 83,4% das palavras que são assinaladas por todos os analistas como não sendo metafóricas, e com 7,2% das palavras, sobre as quais não chega a um consenso.

Em seguida, esta análise procede à identificação de eventuais recursos de ativação de metaforicidade da linguagem metafórica presente no corpus de sonetos. Em tempo, é importante se acrescentar que o emprego do conceito de metaforicidade é bastante comum no campo de estudos da metáfora desde, pelo menos, o surgimento da teoria conceptual (originalmente, Lakoff e Johnson, 2002 [1980]). Observa-se que esse conceito é geralmente recrutado para dar conta de uma impressão – em muitas vezes, nebulosa – do analista de que algumas metáforas seriam “mais metafóricas” do que outras (Dunn, 2011). Embora seja frequentemente evocado, poucos são os trabalhos que se prestam a definir ou explicar a sua natureza ou funcionamento (por exemplo, Goatly, 1997;

<sup>2</sup> Define-se metaforicidade, grosso modo, como sendo a possibilidade de uma expressão metafórica ser reconhecida como tal (Dienstbach, 2017). Tal possibilidade é dependente do contexto (Goatly, 1997).

<sup>3</sup> Essa é a acrografia do termo original, em língua inglesa, “*metaphor identification procedure Vrije Universiteit*” (Steen *et al.*, 2010, p. ix)

Müller, 2008; Dunn, 2011; Dienstbach, 2017). Em linhas gerais, esses estudos – a despeito dos aspectos a que se atêm – concordam que a metaforicidade seria, *grosso modo*, a possibilidade de uma expressão metafórica ser reconhecida como tal.

Por recursos de metaforicidade, nesse caso, entendem-se quaisquer estratégias (verbais ou não verbais) capazes de, em certos contextos, promover a “desautomatização” [*deautomatization*] (Kyratzis in Müller, 2008, p. 190) – ou seja, de interferir no nosso processamento inconsciente (Stibbe, 1995) – de uma expressão metafórica. A título de exemplificação, analise-se a sentença (Sagan, 1997, p. 177, tradução livre) reproduzida em (i), abaixo.

- (i) Possuir uma mente *aberta* é uma virtude, mas não tão aberta a ponto de o *cérebro cair*.

A expressão “mente *aberta*” constitui uma atualização muito convencionalizada – e, de fato, lexicalizada em português (Houaiss e Villar, 2009) – da metáfora conceptual A MENTE É UM RECIPIENTE (Lakoff e Johnson, 2002 [1980]). Porque é muito convencionalizada, é muito provável que ela não seja imediatamente reconhecida como metafórica – ou seja, que o fato de ela ser metafórica passe despercebido aos olhos de quem a lê (ou a escreve). No entanto, a baixa metaforicidade dessa expressão não parece ser tão óbvia na sentença em (i), acima. O uso da palavra “*cérebro*” – que é algo que está literalmente *dentro* do crânio – faz uma referência explícita ao domínio-fonte RECIPIENTE da metáfora conceptual por trás de “mente *aberta*”, trazendo a sua condição como metáfora para mais próximo de um processamento consciente. Logo, a oração “a ponto de o *cérebro cair*”, em (i), atua como um recurso de metaforicidade de “mente *aberta*”.

Seja como for, a identificação de recursos de metaforicidade no corpus de sonetos abordado nesta investigação está fundamentada no elenco de estratégias repertoriado por Dienstbach (2018). Os recursos de metaforicidade identificados nesse corpus foram a não convencionalidade, a saturação, a diretividade, a posição e a (possível) marcação prosódica das suas expressões metafóricas. Tais recursos, bem como a sua relação com propósitos específicos do gênero soneto, serão discutidos a partir de agora.

## Metaforicidade e os propósitos dos sonetos

O domínio discursivo a que sonetos pertencem – qual seja o da literatura – reflete o uso da linguagem de ordem fundamentalmente estética. Sendo assim, pode se

presumir que, da mesma maneira que quaisquer gêneros pertinentes ao discurso literário, sonetos também “não se atêm, em termos práticos, a nenhum objetivo específico” (Steen, 1994, p. 34, tradução livre). De fato, poemas podem ser escritos e lidos, declamados e ouvidos por tantas razões quantas podemos imaginar – como, por exemplo, desde os meros entretenimento e fruição até discussões em aulas de literatura. Apesar disso, um aspecto que parece tipicamente caracterizar o discurso literário – em toda a sua diversidade e, em particular, na poesia – é a manifestação do sujeito (no seu sentido mais filosófico<sup>4</sup>) por meio da linguagem verbal. Esse aspecto pode ser traduzido, em síntese, pelo que Steen (1994) chama de “realização da subjetividade” [*subjective realization*] (p. 47). Com relação a esse propósito associado, inclusive, aos sonetos, Moisés (2004) observa que

a poesia corresponderia à expressão do “eu” por intermédio de metáforas ou vocábulos polivalentes: o “eu” do poeta, matriz do seu comportamento como artista da palavra, volta-se para si próprio, adota não só a categoria de “sujeito” que lhe é inerente, mas também a de “objeto” (p. 360).

Conforme o que está sugerido na observação de Moisés (2004), a realização da subjetividade – enquanto sendo um propósito elementar do discurso literário – já permite se estabelecer alguma relação (a propósito, imediata) entre os sonetos e a sua eventual linguagem metafórica. De alguma forma, metáforas teriam o poder de proporcionar e, até mesmo, de estimular a realização da subjetividade. Uma explicação que Steen (1994) dá para isso é a de que “o raciocínio analógico que sustenta uma metáfora abre caminho para diversos desdobramentos dessa analogia, e cada um desses desdobramentos pode ser menos ou mais subjetivo” (p. 35, tradução livre). No entanto, somente proclamar a metáfora como um expediente favorável para a experiência da subjetividade em poemas – e, portanto, em sonetos – não parece ser um motivo suficientemente claro para se sustentar uma relação estreita entre esse fenômeno e os diversos gêneros literários.

De fato, segundo a abordagem conceptual (Lakoff, 1993; Lakoff e Johnson, 2002 [1980]), as metáforas são onipresentes e inevitáveis em quaisquer tipos de discurso, não apenas naqueles relativos ao discurso literário. Elas podem ocorrer (abundantemente, a propósito) em diversos gêneros em que a realização da subjetividade sequer seria uma possibilidade – tais como em textos altamente especializados, técnicos ou científicos (por exemplo, Baake, 2000; Hallin, 2000; Brown, 2003; Nunes, 2005). Além do mais, muitas expressões metafóricas – se não, a maioria delas – são tão convencionalizadas que, mesmo quando ocorrem em textos literários, não parecem ser capazes de

<sup>4</sup> Em uma concepção filosófica moderna, o sujeito, representado pela designação do “eu” seria, em linhas gerais, uma entidade de consciência e experiência únicas, que se define a partir da sua relação com outra entidade que existe fora de si, que é o objeto do “não eu” (por exemplo, Descartes, 1637).

estimular qualquer subjetividade. Considere-se, por exemplo, a linguagem metafórica nos versos do soneto *Conto podado* (Mattoso, 2004c) reproduzidos em (ii), abaixo.

- (ii) O velho jardineiro *fora* escravo. / É livre, todavia, enquanto *lida* / com rosa, girassol ou margarida, / hortênsia, lírio, dália, trevo ou cravo. // *Entrou* de seus decênios já no oitavo. / Não *tem nenhum* desejo mais na vida / exceto uma área verde ver florida. / Mas donos só cochicham seu conchavo.

As construções “*fora* escravo”, “*lida* com rosa”, “*entrou* [...] no oitavo [decênio]”, “*tem nenhum* desejo [...] na vida” contêm expressões metafóricas<sup>5</sup> tão convencionalizadas (em língua portuguesa) que o fato de serem metafóricas não parece cumprir quaisquer funções especiais nos versos acima. Para Steen (1994), por outro lado,

metáforas inéditas são muito mais pertinentes aos propósitos literários do que metáforas mortas ou muito convencionalizadas. Metáforas inéditas permitem associações novas – a *subjetividade* –, que sequer precisam estar restritas a um único domínio (p. 36, grifo meu, tradução livre).

Pode se argumentar, portanto, que a realização da subjetividade (em sonetos) não seria decorrente da ocorrência de metáforas, somente, senão, sobretudo, da ocorrência de metáforas em condições específicas. Consideram-se condições específicas, nesse caso, os recursos de metaforicidade – tais como o ineditismo (isto é, a não convencionalidade) (Steen, 1994) – que eventualmente acompanham a linguagem metafórica em um texto qualquer. A análise do nosso corpus de sonetos mostra, por exemplo, que metáforas não convencionalizadas<sup>6</sup> constituem um recurso recorrente no seu gênero (cf. Quadro 1): estão presentes em sete dos oito textos, reforçando o postulado de Steen (1994).

Metáforas não convencionalizadas teriam maiores chances de serem reconhecidas como tais (Handl, 2011) e estabeleceriam uma relação mais oportuna com os propósitos particulares do discurso literário – isto é, a realização da subjetividade. Visto que podem ser mais facilmente reconhecidas como tais, metáforas inéditas viabilizam a expressão do “eu” do poeta de maneira mais nítida e, portanto, mais consciente. Pode se afirmar, aliás, que o gênero soneto se caracteriza, além da ocorrência de alguma linguagem metafórica, pela possibilidade efetiva do seu reconhecimento – ou por uma metaforicidade positiva

–, que se colocaria, enfim, a serviço dos seus propósitos mais prototípicos.

Outro recurso de metaforicidade que atenderia à realização da subjetividade, e que está identificado no corpus de sonetos analisado aqui, é a diretividade. Steen *et al.* (2010) definem como diretas as metáforas cuja “expressão no texto ativa conceitos diretamente relacionados aos seus referentes no discurso, ou seja, os elementos do domínio-fonte são usados diretamente – ou *literalmente* – na superfície linguística” (p. 93, grifo no original, tradução livre). Ilustram a ocorrência desse recurso os versos dos sonetos *Ao parque* (Mattoso, 2004a) e *Soneto da rosa* (Moraes, 1954), reproduzidos em (iii) e (iv), respectivamente. Nos versos em (iii), um parque da cidade de São Paulo está (explicitamente) conceptualizado em termos de um oásis: “assim *parece* o parque”; já os versos em (iv) conceptualizam o tempo em termos do sol: “vem, *como* o astro matinal”. Deve se mencionar, a propósito, que a diretividade figura em quatro dos oito sonetos analisados aqui.

- (iii) *Oásis de verdura* no concreto / Canteiro de graminha na calçada / Assim *parece* o parque, da sacada / da típica babel beirando o teto.

- (iv) Mais um ano na estrada percorrida / Vem, *como* o astro matinal, que a adora / Molhar de puras lágrimas de aurora / A morna rosa escura e apetecida.

Conforme pode se observar, a diretividade assume a símile como sendo um recurso de metaforicidade. Uma explicação de Steen *et al.* (2010), para esses casos, é a de que as comparações e analogias – “geralmente (mas não necessariamente) expressas de forma explícita” (p. 94, tradução livre), por meio de palavras como “tal qual” e “como”, e verbos de ligação –, de fato, se sustentam nas bases de uma projeção metafórica entre dois domínios. Em termos analíticos, portanto, as palavras que engendram uma analogia sinalizam essa projeção; o que permite se assumir a símile – ou, ainda, a diretividade – como sendo um recurso de metaforicidade. Além do mais, porque metáforas diretas são capazes de colocar em franca evidência as associações – principalmente, as associações novas – implicadas nos seus mapeamentos, o recurso da diretividade constituiria um atalho propício para a expressão do “eu” do poeta. Logo, os propósitos dos sonetos, relativos à realização da subjetividade, parecem estar endossados também na metaforicidade impulsionada pela diretividade que eventualmente caracteriza a linguagem metafórica nos respectivos textos.

<sup>5</sup> Essas expressões atualizam as metáforas conceptuais TEMPO É ESPAÇO (“*fora* escravo”); TEMPO É RECIPIENTE (“*entrou* [...] no oitavo [decênio]” e “na vida”); TRABALHO É GUERRA (*lida* com rosa); e SENTIMENTO É OBJETO (“*tem nenhum* sentimento”).

<sup>6</sup> Segundo Schmid (2005), a convencionalização de uma expressão linguística resulta ora da sua lexicalização – isto é, da fixação dos aspectos estruturais da sua forma –, ora da sua institucionalização – ou seja, da fixação dos seus aspectos sociopragmáticos. Pode se avaliar a convencionalidade de uma expressão através de uma consulta simples em dicionários ou corpora gerais da língua.

**Tabela 1.** Metáforas inéditas identificadas no corpus de sonetos.**Table 1.** Novel metaphors identified in the corpus of sonnets.

Palavras usadas metaforicamente (com sublinhado)	Conceptualização
“E mãos oferecidas e mecânicas, / De um <i>vegetal</i> segredo enfeitiçadas” (Andrade, 1978)	informação em termos de planta
“Por entre as rochas lisas, e um <i>mugido</i> / Se faz ouvir, soturno e diurno, em pura” (Andrade, 2013)	leão-marinho em termos de bovídeo
“Suspendei um momento vossos <i>jogos</i> / Na fimbria azul do mar, peitos morenos” (Andrade, 2013)	trabalho em termos de jogo
“A doçura do monstro, oclusa, à espera... / Um <i>leão-marinho</i> brinca em nós, e é triste” (Andrade, 2013)	sentimento em termos de animal
“D’água o fluido lençol, onde em áscuas cintila / O sol, que no cristal argênteo se refrata” (Bandeira, 1966a)	reflexo de luz em termos de brasa
“ <i>Oásis</i> de verdura no concreto / [ ... ] Assim parece o parque, da sacada” (Mattoso, 2004a)	cidade em termos de deserto
“Assim prece o parque, da sacada / Da típica <i>babel</i> beirando o teto” (Mattoso, 2004a)	prédio em termos da Torre de Babel
“As aves são, no jogo democrático, / do verde os <i>deputados</i> , senadores” (Mattoso, 2004b)	personificação
“As aves são, no jogo democrático, / do verde os deputados, <i>senadores</i> ” (Mattoso, 2004b)	personificação
“No recesso, como ávida ferida / Guardar o <i>plasma</i> último da vida” (Moraes, 1954)	essência em termos de sangue
“Rosa geral de sonho e plenitude / [...] Em novas rosas de <i>carnal</i> virtude” (Moraes, 1954)	personificação
“E se encontro no mato o rubro de uma amora / Vou cusbindo-lhe o <i>sangue</i> nos currais” (Moraes, 1937)	personificação

É importante se considerar, ainda, o papel que a saturação identificada no conjunto de sonetos analisados aqui pode desempenhar no cumprimento de propósitos pertinentes ao seu gênero. Conforme alguns estudos (principalmente, Goatly, 1997; Steen, 2004; Dunn, 2011), a coocorrência, no interior de um único enunciado ou texto, de expressões metafóricas licenciadas por um mesmo mapeamento – o que se denomina saturação – constitui um fator favorável para o seu reconhecimento como tais. Considere-se, a título de exemplificação, o soneto *Da militância* (Mattoso, 2004b), em (5), abaixo.

- (5) Podaram totalmente uma frondosa / paineira centenária e, sem folhagem, / inquieta e *aflita* está a periquitagem, / *achando* a providência desastrosa. // Já era aquela sombra de que goza / a *alegre* maritaca! Agora a imagem / dos galhos dá pretexto a que se *engajem* / num ato de

*protesto*, em polvorosa. // Por fim, os periquitos algo prático / *decidem*: depenar todas as flores / que pendem das sacadas, num dramático / desforço contra humanos predadores. / As aves são, no jogo democrático, / do verde os *deputados*, *senadores*.

Todas as expressões sublinhadas no excerto em (5), acima, estão licenciadas por um único mapeamento, o qual conceptualiza AVES em termos de SERES HUMANOS. Esse procedimento, aliás, está presente em todos os poemas desta análise. Algo que deve se observar aqui, nesse caso em particular, é que, da forma como se desenrola nos sonetos, a saturação não se cumpre apenas pela repetição casual das suas atualizações – isto é, não se limita ao simples aproveitamento da sistematicidade de metáforas conceptuais. Na verdade, esse recurso promove, nesse corpus, a elaboração de uma cadeia particular de



jogos de linguagem (menos ou mais inéditos), que giram em torno de uma única imagem central – ou de uma única metáfora conceptual –, evocada pelo autor para dar voz ao seu universo interior. A respeito disso, Lakoff e Turner (1989) comentam que

tomada individualmente, cada metáfora dentro de um poema é interessante e envolvente em si mesma; mas, juntas, elas se prestam a um propósito maior. O poema como um todo pode ser lido como um conjunto de estímulos mais amplos e gerais. Nesse caso, esses estímulos devem ser *interpretados metaforicamente* como instruções a respeito de como o poeta deve enxergar o mundo que preenche a sua poesia (p. 146-147, grifos meus, tradução livre).

A partir dessa explicação, entende-se que a ocorrência de diversas atualizações – não necessariamente inéditas – do mesmo mapeamento metafórico, em um único poema, não deve ser tomada como resultado fortuito da sua convencionalidade no nosso sistema conceptual. O conjunto total dessas expressões está orientado, em vez disso e sobretudo, à compreensão clara das conceptualizações que dão consistência ao universo figurado forjado pelo seu autor. É esse tipo de saturação que seria capaz, em última análise, de viabilizar a realização da subjetividade pretendida no discurso literário. Afinal de contas, esse recurso assume o reconhecimento efetivo das metáforas que compõem (e sustentam) os respectivos textos como sendo um fator determinante para uma interpretação coerente dele. Por exemplo, para aceitarmos que o conflito entre a “periquitagem” e os “humanos”, no soneto em (5), possa acontecer no âmbito da moral e da política, precisamos nos dar conta – isto é, tomar consciência – de que, em vários trechos, as aves estão (metaforica- mente) entendidas como se fossem, de fato, seres humanos.

Além da não convencionalidade, da diretividade e da saturação, a posição das metáforas identificadas nos sonetos – bem como a sua eventual marcação prosódica, em uma possível oralização dos textos – também seria um recurso de metaforicidade capaz de atender aos propósitos do seu gênero. Com base nos resultados de um experimento de identificação de metáforas em canções, realizado com falantes leigos, por exemplo, Steen (2004) observa que “as metáforas que ocorrem nos versos iniciais ou finais de uma estrofe são mais facilmente reconhecidas [como metafóricas] do que as metáforas que aparecem no interior da estrofe” (p. 1309, tradução livre). A possibilidade desse reconhecimento aumentaria se a expressão metafórica estivesse em uma posição pós-verbal.

Quando se considera a estrutura formal de poemas, percebe-se que ela pode ser muito semelhante à de canções, uma vez que eles também são compostos por

estrofes e versos (Moisés, 2004). Portanto, pode-se argumentar que a posição das metáforas nos sonetos também poderia ter algum efeito sobre a sua metaforicidade e, de alguma forma, sobre a realização da subjetividade. No corpus de sonetos analisado aqui, aliás, noventa e quatro expressões metafóricas ocupam o verso inicial ou o verso final de alguma estrofe. Dessas expressões, quarenta e uma aparecem em posição pós-verbal, tal como ilustram os tercetos reproduzido em (vi) (Moraes, 1954), (vii) (Bandeira, 1966a), (viii) (Mattoso, 2004a) e (ix) (Andrade, 2013), a seguir.

- (vi) Para que o sonho viva da certeza / Para que o tempo da paixão não mude / Para que se *una* o verbo à natureza.
- (vii) Às vezes, a tremer na fraga *faiscante*, / Passa uma folha verde, e sobre a veia ondeante / Abandona-se toda, *ansiosa* pelo mar.
- (viii) Na pura poluição, vive hoje a vida / que um dia viveria a Terra inteira / Não há pioneirismo sem *saída*.
- (ix) É o *louco* leão-marinho que pervaga / em busca, sem saber, como da terra / [...] nos lançamos a um mar que não existe.

Com relação à marcação prosódica das expressões metafóricas, por sua vez, esta investigação somente cogita a sua participação no cumprimento de propósitos atribuídos aos sonetos, uma vez que não empreende quaisquer análises da oralização dos textos. Seja como for, a partir de uma análise acústica em corpora de produções orais de falantes de inglês e de francês, Cloiseau (2007) observa que

metáforas [convencionalizadas] podem ser ativadas pelo falante e sinalizadas como tais pela sua marcação durante o processo metafórico. Essa marcação parece se dar na prosódia, através de padrões de intensidade e contornos de frequência fundamental específicos (p. 128, tradução livre).

Até onde pode-se saber, poemas são textos cuja estrutura formal é arquitetada, em princípio, com vistas a uma possível oralização. Logo, não é absurdo se pensar que traços específicos dessa oralização – como, por exemplo, padrões de intensidade e contornos de frequência fundamental<sup>7</sup> – poderiam exercer alguma influência sobre a possibilidade de reconhecimento das metáforas presentes nos sonetos. O que se presume, enfim, é que a marcação prosódica representaria, a depender das circunstâncias, um recurso provável de metaforicidade nos textos que compõem o corpus analisado aqui, contribuindo, de alguma forma e em alguma medida, para o cumprimento dos propósitos do seu gênero.

<sup>7</sup> Dentre os parâmetros prosódicos, intensidade é o correlato físico correspondente à pressão acústica (energia vocal) de um segmento de fala; já frequência fundamental é o correlato físico correspondente à melodia (tome entoação) que marca esse segmento (cf. Hirst e Di Cristo, 1998).

Um último aspecto que caracteriza as relações entre sonetos e a metaforicidade da sua linguagem metafórica se refere a uma outra face dos propósitos relativos ao discurso literário. Uma observação de Cândido (2007), que determina uma razão de ser do discurso literário, alega o seguinte:

Com efeito, entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si e que, tomadas em conjunto, representam uma *socialização dos seus impulsos íntimos*. [...] Não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal (p. 147, grifos meus).

Sendo assim, um fator que parece agrupar as diversas práticas realizadas às voltas do terreno da literatura é o que Peters (2013) denomina “socialização da subjetividade”, que institui a “relação entre a ação individual criativa e as injunções dos cenários sociais em que essa ação se desenrola” (p. 200). E esse fator parece poder explicar, dentre outras coisas, a ocorrência de recursos de metaforicidade no corpus de sonetos desta análise. De fato, o papel que as metáforas e, em especial, a possibilidade do seu reconhecimento (Steen, 1994) desempenhariam na expressão do “eu” do poeta se prestaria, em ocasiões posteriores, à sua socialização. Nesse sentido, se, por um lado, a metaforicidade permite que o poeta dê voz à sua subjetividade, por outro lado, ela coloca essa subjetividade à disposição dos seus interlocutores. Em outras palavras, entende-se que o reconhecimento efetivo das expressões metafóricas eventualmente presentes nos sonetos viabilizam não somente a estruturação do mundo figurado, por parte do seu autor, mas, principalmente, o acesso a esse mundo, por parte dos seus leitores.

## Considerações finais

Desde há muito tempo que se reconhece que a linguagem poética tende, por via de regra, a assumir, como um traço muito particular seu, a sua desautomatização ou, mais pontualmente, a sua “colocação em primeiro plano” [*foregrounding*] (Mukarovsky, 2014 [1932], p. 44). Segundo Mukarovsky (2014 [1932]), a desautomatização da linguagem implica, em linhas gerais, a violação de padrões (ou convenções) da língua, sendo que

no caso da linguagem poética, essa violação dos padrões alcança o seu grau máximo, a ponto de relegar a comunicação para um segundo plano, assumindo a própria expressão como sendo o seu objetivo e a usando como um fim em si mesma (p. 44, tradução livre).

Nesse caso, pode se presumir que, quando a linguagem é desautomatizada (ou, ainda, colocada em primeiro plano), o seu processamento – em termos tanto de produção quanto de interpretação –, em princípio, passa a se realizar de uma maneira consciente (Mukarovsky,

2014 [1932]). E, no caso específico da poesia, isso pode acontecer em todos os níveis da linguagem: no fonético, por meio de rimas, metrificação, impositação vocal, etc.; no lexical, através de neologismos, arcaísmos, regionalismos etc.; no sintático, por meio de versificação, anástrofes, fraseologias, etc.; e, certamente, no semântico, por meio de símiles, polivalências, oximoros etc. etc. Esse fato parece conseguir, inclusive, isentar o seu autor de quaisquer restrições quanto ao uso de quantas metáforas precisar ou desejar para alcançar a realização da sua subjetividade nos textos que escreve.

No entanto, somente a ocorrência de alguma linguagem metafórica nos seus textos não seria suficiente para que o discurso literário desse conta das disposições postuladas por Mukarovsky (2014 [1932]). Conforme já se observou aqui, metáforas tendem a ocorrer em quaisquer tipos de discurso (principalmente, Lakoff e Johnson, 2002 [1980]) – inclusive, naqueles em que a linguagem não deve, idealmente, ser colocada em primeiro plano, tais como os discursos científico e técnico. O que se defende aqui, nesse sentido, é que é necessário que a sua linguagem metafórica possa ser efetivamente reconhecida como tal, tanto por quem escreve literatura quanto por quem a lê. Esse reconhecimento é proporcionado pelo emprego – ainda que accidental – de estratégias específicas. Segundo este trabalho, tais estratégias estão traduzidas na noção de recursos de metaforicidade – como, por exemplo, aqueles identificados na sua análise em um corpus de sonetos, quais sejam a não convencionalidade, a diretividade, a saturação, a posição e uma possível marcação prosódica das expressões metafóricas presente nos respectivos textos.

O que se observa, a título de conclusão, é que, mais do que somente a ocorrência de alguma linguagem metafórica – que, de fato, não é algo exclusiva do discurso literário –, é a possibilidade do seu reconhecimento, ativada por recursos de metaforicidade, que se presta aos propósitos relativos a esse domínio discursivo, tais como, especificamente, a realização (Steen, 1994) e a socialização (Peters, 2013) da subjetividade. Além disso, argumenta-se que a metaforicidade positiva que prototipicamente caracteriza a linguagem metafórica presente em certas classes de textos literários – conforme pôde se verificar na análise realizada aqui –, se inscreveria no conjunto de conhecimentos e expectativas que possuímos a respeito do seu respectivo gênero. Ou seja, é o nosso reconhecimento das expressões metafóricas em sonetos, mais do que a sua real ocorrência neles, que estaria por trás da nossa associação espontânea entre esse gênero e aquele fenômeno.

## Referências

- ANDRADE, C. 1978. Jardim. In: C. ANDRADE, *Reunião: dez livros de poesia*. 3ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 159 p.  
ANDRADE, C. 2013. Leão-marinho. In: C. ANDRADE, *A vida passada a limpo*. São Paulo, Companhia das Letras, 16 p.

- ARISTÓTELES. 2003. *Poética*. 7ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 316 p.
- BAAKE, K. 2003. *Metaphor and knowledge: The challenge of writing science*. Albany, The State University of New York Press, 244 p.
- BANDEIRA, M. 1966a. À beira d'água. In: M. BANDEIRA, *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 22 p.
- BANDEIRA, M. 1966b. Verdes mares. In: M. BANDEIRA, *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 56 p.
- BERBER SARDINHA, T. 2011. Metaphor and corpus linguistics. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 11(2):329-360. <https://doi.org/10.1590/S1984-63982011000200004>
- BOSI, A. 2006. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª ed., São Paulo, Cultrix, 568 p.
- BROWN, T. 2003. *Making truth: Metaphor in science*. Champaign, Urbana University of Illinois Press, 219 p.
- BURNARD, L. (ed.). 2004. *British National Corpus Baby*. Versão 2, Oxford, Oxford University Press, CD-ROM.
- CÂNDIDO, A. 2007. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 98 p.
- CLOISEAU, G. 2007. Defining semantic and prosodic tools for the analysis of live metaphor uses in spoken corpora. *Cultura, Linguaje y Representación*, 5:111-129.
- DEIGNAN, A. 2005. *Metaphor and corpus linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 236 p. <https://doi.org/10.1075/ceclcr.6>
- DESCARTES, R. 1637. *Discours de la méthode: pour bien conduire sa raison, et chercher la vérité dans les sciences*. Leiden, Imprimerie de Ian Maire, 212 p.
- DIENSTBACH, D. 2017. Metaforicidade: um aspecto do gênero. *Fórum Linguístico*, 14(1):1767-1778. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2017v14n1p1767>
- DIENSTBACH, D. 2018. Por uma análise sistemática da metaforicidade. *Linguagem em (Dis)curso*, 18(2):287-306. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-180202-7917>
- DUNN, J. 2011. Gradient semantic intuitions of metaphoric expressions. *Metaphor and Symbol*, 26(1):53-67. <https://doi.org/10.1080/10926488.2011.535416>
- GOATLY, A. 1997. *The language of metaphors*. Londres; Nova York, Routledge, 372 p. <https://doi.org/10.4324/9780203210000>
- HALLYN, F. (ed.). 2000. *Metaphor and analogy in the sciences*. Dordrecht, Kluwer Academics, 256 p. <https://doi.org/10.1007/978-94-015-9442-4>
- HANDL, S. 2011. *The conventionality of figurative language: A usage-based study*. Tübingen, Narr, 371 p.
- HIRST, D.; DI CRISTO, A. 1998. A survey of intonation systems. In: D. HIRST; A. DI CRISTO (eds.), *Intonation systems: A survey of twenty languages*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 1-44.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. 2009. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Objetiva, 2048 p.
- KÖVECSES, Z. 2010. *Metaphor: A practical introduction*. 2ª ed., Nova York, Oxford University Press, 400 p.
- LAKOFF, G. 1993. The contemporary theory of metaphor. In: A. ORTONY (ed.), *Metaphor and thought*. 2ª ed., Nova York, Cambridge University Press, p. 202-251.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. 2002. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do GEIM. Campinas, Mercado de Letras; São Paulo, EDUC, 360 p.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. 1989. *More than cool reason: A field guide to poetic metaphor*. Chicago, University of Chicago Press, 230 p. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226470986.001.0001>
- MATTOSO, G. 2004a. Ao parque. In: G. MATTOSO, *Poesia digesta: 1974-2004*. São Paulo, Landy, 232 p.
- MATTOSO, G. 2004b. Da militância. In: G. MATTOSO, *Cara e coroa: carinho e carão*. Curitiba, Travessa dos Editores, 153 p.
- MATTOSO, G. 2004c. Conto podado. In: G. MATTOSO, *Pegadas noturnas: dissonetos barroquistas*. Rio de Janeiro, Lamparina, 214 p.
- MOISÉS, M. 2004. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed., São Paulo, Pensamento; Cultrix, 520 p.
- MORAES, V. 1937. Soneto de intimidade. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-intimidade>. Acesso em: 18/05/2017.
- MORAES, V. 1954. Soneto da rosa. 1954. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-da-rosa>. Acesso em: 18/05/2017.
- MUKAROVSKY, J. 2014. Standard language and poetic language. In: J. CHIVANEC (ed.), *Chapters from the history of Czech Functional Linguistics*. Brno, Masarykova Univerzita, p. 41-53.
- MÜLLER, C. 2008. *Metaphors dead and alive, sleeping and awaking: A dynamic view*. Chicago, The University of Chicago Press, 209 p.
- NUNES, J. 2005. *As metáforas nas ciências sociais*. São Paulo, Humanitas; Goiânia, UFG, 451 p.
- PALTRIDGE, B. 1997. *Genre, frames and writing in research setting*. Amsterdam; Filadélfia, John Benjamins, 192 p. <https://doi.org/10.1075/pbns.45>
- PETERS, G. 2013. A via mundana para o sublime: preliminares a uma sociologia psicológica do talento e da genialidade. *Cadernos do Sociofilo*, 3:179-237.
- SAGAN, C. 1997. *The demon-haunted world: The science as a candle in the dark*. Londres, Headline Books, 450 p.
- SCHMID, H. 2005. *Englische Morphologie und Wortbildung: Eine Einführung*. Berlin, Erich Schmidt, 247 p.
- SEMINO, E. 2008. *Metaphor in discourse*. Cambridge, Cambridge University Press, 260 p.
- SEMINO, E. 2011. The adaptation of metaphors across genres. *Review of Cognitive Linguistics*, 9(1):130-152. <https://doi.org/10.1075/rc1.9.1.07sem>
- SOUSA, R. 2010. *Glauco Mattoso: escrita e transgressão*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 97 p.
- STEEN, G. 1994. *Understanding metaphor in literature: An empirical approach*. Londres; Nova York, Longman, 263 p.
- STEEN, G. 2004. Can discourse properties of metaphor affect metaphor recognition? *Journal of Pragmatics*, 36(7):1295-1313. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2003.10.014>
- STEEN, G. 2011. Genre between the humanities and the sciences. In: M. CALLIES; W. KELLER; A. LOHÖFER (eds.), *Bi-directionality in the cognitive sciences*. Amsterdam, John Benjamins, p. 21-41. <https://doi.org/10.1075/hcp.30.03ste>
- STEEN, G.; DORST, A.; HERRMANN, J.; KAAL, A.; KRENNMAYR, T.; PASMA, T. 2010. *A method for linguistic metaphor identification: From MIP to MIPVU*. Amsterdam; Filadélfia, John Benjamins, 238 p.
- STIBBE, A. 1995. *Metaphor and alternative conceptions of illness*. Lancaster, UK. Tese de doutorado. Universidade de Lancaster, 313 p.
- VEREZA, S. 2010. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras*, 41:199-212.

Submetido: 06/09/2017

Aceito: 28/08/2018